

FIFA, ÓPIO DO POVO

Luiz Henrique de Toledo

Doutor em Antropologia Social

Programa de Pós-graduação em Antropologia Social - UFSCar



A FIFA segue impondo, no formato dos megaeventos, o cálculo racional do consumo esportivo ampliado, cujo modelo de futebol alcança tantas as formas de jogar quanto as de torcer (Toledo 2002; 2012a, 2012b). No Brasil, a lei de nº 12.663 de 5 de junho de 2012, mais conhecida como “Lei Geral da Copa”, que pesou sobre os ombros dos comitês locais, expressa o tamanho da ingerência que conduziu a organização do megaevento sediado no país.

No mais, não se pode perder de vista um movimento geral que incide sobre as transformações que seguem impondo ao futebol profissional transnacional a busca das maximizações instrumentais, constituindo a Copa boa oportunidade para se notar mais de perto algumas das ações da FIFA, sobretudo as que tensionaram a cultura esportiva e as conjunturas locais. Seria a Copa errada no lugar errado? Não foi a primeira vez que organizações internacionais foram capturadas e ressignificadas em discursos políticos diversos quando penetram o cotidiano das crises no país, cotidiano fomentado pelas mídias. A novidade é que agora foi um esporte que ganhou centralidade, ou se tornou uma espécie de idioma para alcançar críticas de toda ordem, políticas, econômicas e sociais.

Há pelo menos duas décadas esse movimento crescente de deliberações que resguardam a universalidade da prática do futebol profissional pelo mundo (Federação, confederações) impõem transformações severas que atravessam desde a prática dentro dos campos até a fruição fora deles. Em relação à sociabilidade torcedora um marco decisivo foi a tragédia no estádio de Hillsborough, em Sheffield nas semifinais da Copa da Inglaterra, onde morreram 95 torcedores no jogo entre Liverpool e Nottingham Forest, devido à superlotação. Por décadas, a culpa recaiu incrivelmente sobre torcedores e o consumo de cerveja e, após várias revisões no processo e levante dos parentes das vítimas, não sem resistências, chegaram à organização do evento e à polícia, responsável pela segurança à época.

De lá pra cá se coibiram os dribles “desnecessários”, arguiram a vida íntima “desregrada” dos jogadores, censuraram o comportamento “desajustado” e violento dos torcedores, se atemorizaram frente às cidades “incontroláveis” que teimam não disciplinar os espaços urbanos onde se localizam as arenas erguidas para os megaeventos das sucessivas Copas, que cada vez mais são

oferecidas a países (África do Sul, Brasil, Rússia, Qatar) fora do núcleo mandatário do futebol que reside em parte do continente europeu. O “Padrão FIFA”, tal como é conhecido o conjunto de medidas disciplinares do fato esportivo, ao se espalhar e rotinizar o futebol transnacional, deve controlar as imagens veiculadas, a escolha e gerenciamento dos signos (mascotes, cartazes, objetos, souvenirs de todos os tipos), a comensalidade permitida; daí toda a celeuma gerada desde 2012 em relação ao controle sobre a comida de santo, os acarajés servidos aos torcedores em jogos da Copa em Salvador, na Bahia, e outras como o feijão tropeiro mineiro na sede em Belo Horizonte.



76

Parto das provocações de Latour (2008) sobre o conceito de *iconoclash*, propriedade retida em alguns fenômenos ambíguos que cumprem funções mediadoras e de deslocamento na guerra entre convicções religiosas, artísticas, ideológicas e científicas, para agregar ou reagrupar aí também o futebol, modalidade entre os esportes que dialoga intensamente com todos esses outros domínios, e que produz aqui e ali seus *iconoclashes*, estimulando controvérsias

que firmam contrapontos ou desestabilizam o movimento iconoclasta de depuração fenomênica, promovido pelos que organizam o futebol profissional contemporâneo.

Ao propor um profissionalismo sem a mediação ou pouco diálogo com muitos “outros”, porque ciosa de seus interesses, a FIFA produz iconoclastia ao seu modo em nome de uma tecnocracia a gerir um espetáculo sem arestas. Há décadas, o futebol fora “queimado” pela crítica intelectualista que o definia como sendo instrumento de amortização da crítica, ópio do povo e propulsor da lógica perversa da sociabilidade alienante das massas. O centro de gravidade parece que se deslocou para a FIFA e nada parece escapar-lhe. Os acarajés soteropolitanos servem de exemplo *iconoclash* no momento em que foram colocados numa posição de disputa intensa e “guerra” pelos significados embutidos numa Copa realizada no Brasil, só fazendo aumentar a desconfiança retórica do “Copa para quem?”, que animou os movimentos que espocaram aqui e acolá e que se mantêm ativos às vésperas da abertura do megaevento, prometendo antagonizar com o certame durante seu transcorrer.

A blindagem ao megaevento e o resguardo dos interesses da FIFA conviveram até às portas do jogo de abertura com índices de rejeição sem precedentes em se tratando do apego dos brasileiros ao futebol. “Em abril de 2014 pesquisas indicavam 55% de rejeição popular e o sentimento era de que a Copa traria prejuízos ao país” (*Folha de S. Paulo*, 08/04/2014).

Sendo assim, *“Iconoclasmo é quando sabemos o que está acontecendo no ato de quebrar [em princípio estátuas, ídolos, num gesto de intolerância e fundamentalismo] e quais são as motivações para o que se apresenta como um claro projeto de destruição; iconoclash, por outro lado, é quando não se sabe, quando se hesita, quando se é perturbado por uma ação para a qual não há maneira de saber, sem uma investigação maior, se é destrutiva ou construtiva”* (Latour 2008:113). Dentro dessa atmosfera é que encontramos a FIFA rivalizando com o próprio futebol e seleções no espaço da “guerra” midiática que se instaura em relação à sua posição de detentora e maior beneficiária do megaevento.

As movimentações contra a Copa em São Paulo, algumas capitaneadas por frações de partidos de esquerda, na esteira de outros coletivos ou

ajuntamentos insurgentes que se atiraram contra os ícones do capitalismo sem risco (a quebradeira de bancos e as barricadas nas ruas são exemplos visuais paradigmáticos dessa “guerra”) tentaram posicionar ideologicamente o problema na ordem de uma iconoclastia esportiva pura, sendo a Copa o véu que acobertaria os ilícitos e imorais arranjos que assolam a condução da coisa pública no Brasil. Nesse sentido, estende-se a quebradeira simbólica à FIFA como a grande causadora dos males e ingerência no país. Assim como se escutou, décadas atrás, as ruas bradarem contra o FMI, houve-se agora o “fora FIFA” como bordão que alinhavaria a costura dos vários protestos em curso.

O retorno triunfante do discurso do ópio do povo parece que novamente se insinuou. Mas agora não seria propriamente o futebol o fator difuso de alienação das massas, formulado há tempos, sobretudo pelos setores intelectualizados, mas a própria FIFA, artífice maior do espetáculo futebolístico profissional em conluio com Estados e outros poderes públicos. Mas o “fora FIFA”, ao contrário do futebol ópio do povo, horizontalizou os protestos, saiu das universidades e de parte das elites letradas e alcançou a sociedade civil, das manifestações mais individuais aos movimentos mais específicos que amarraram o “fora FIFA” ao estopim de outras demandas e reivindicações pontuais, exemplo pode ser visto nos atos de maio de 2014 do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST) pela cidade de São Paulo. A FIFA torna-se um fator que, agregado às manifestações, as amplifica, senão em volume de participantes, ao menos em visibilidade nas mídias.

O curioso é que há tempos alertou-se para esse fato. Uma ruidosa cascata de denúncias sobre improbidades administrativas, falta de clareza na condução dos contratos e quase ausência dos chamados legados aqui e acolá (obras de recuperação urbana, transporte e mobilidade, etc.), permitiram estabelecer a crítica generalizada à Copa, da esquerda à direita, portanto, vinda de muitos lados e alimentadas por inúmeras demandas específicas. Das ruas e nas manifestações pelas redes sociais muito se ouviu que as manifestações não eram contra o futebol, esporte ubíquo por excelência e sedimentado à cultura nacional, mas sim contra a Copa da FIFA e os políticos que permitiram sua viabilidade.

De todo modo, o futebol e suas projeções apareceram como estopins ou

vetores de novos e criativos reajuntamentos pelas cidades, dialogando com várias demandas, religando esferas de produção de imagens e permitindo novas experimentações táticas na apropriação política dos espaços públicos.

E *iconoclashes* à sua maneira, movimentações em torno da Copa ou motivadas por ela fizeram uma multiplicidade de agentes coabitarem espaços urbanos contíguos, ambigüizando os sentidos mais corriqueiros entendidos como demandas políticas (convicções ideológicas, de classe, valores como cidadania, justiça, trabalho, lazer, direito sociais, direito à cidade, etc.). Daqueles francamente contrários ao megaevento esportivo, passando pelos torcedores, quase torcedores, não torcedores, o que se tem observado é a profusão e produção dessas intensas presenças no espaço urbano a despeito das articulações pelas redes, que produzem e conferem uma velocidade sem precedentes aos ajuntamentos. E valores culturais como nacionalismo, identidade brasileira, aderência incontestada ao futebol foram tiradas do sossego antropológico e da inércia representacional para serem recolocados, ou melhor, reagrupados, mais uma vez, no fluxo ininterrupto das sacralizações e dessacralizações que propagaram, mundo afora, alguns dos indícios e, sobretudo, as imagens de que algo se reconfigurou no Brasil.

Referências Bibliográficas

FOLHA DE SÃO PAULO. *Editorial*. 08.04.2014.

LATOUR, Bruno. 2008. “O que é iconoclash? ou, há um mundo além das guerras de imagem?” *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 14, n. 29, p. 111-150, jan./jun.

TOLEDO, Luiz Henrique. 2002. *Lógicas no Futebol*, São Paulo: Hucitec & Fapesp.

_____. 2012a. “Políticas da corporalidade: socialidade torcedora entre 1990-2010”. In: Toledo, L.H.; Malaia, J.; Buarque de Holanda, B.; Andrade de Melo, V. (orgs.). *A Torcida Brasileira*. Rio de Janeiro: Sete letras.

LUIZ HENRIQUE DE TOLEDO

_____. 2012b. “Ritual sem dono, evento sem nome. Os segredos da transformação da Copa do Mundo em um megaevento”. *Coletiva*. Recife: nº 8, abr/mai/jun.

Luiz Henrique de Toledo

Doutor em Antropologia Social
Programa de Pós-graduação em Antropologia Social - UFSCar

[Currículo Lattes](#)